

# *Estudo Adicional*

## *Capítulo 26 — Do Mar Vermelho ao Sinai*

Este capítulo é baseado em Êxodo 15:22-27; 16-18.

Depois de partir do deserto de Sim, os israelitas acamparam-se em Refidim. Ali não havia água, e de novo não confiaram na providência de Deus. Em sua cegueira e presunção, o povo chegou-se a Moisés com a exigência: “Dá-nos água para beber.” Mas a paciência não lhe faltou. “Por que contendeis comigo?” disse, “por que tentais ao Senhor?” Eles clamaram com ira: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, e aos nossos filhos, e ao nosso gado?” Êxodo 17:1-7. Quando foram tão abundantemente supridos de alimento, lembraram-se com vergonha de sua incredulidade e murmuração, e prometeram para o futuro confiar no Senhor; mas logo se esqueceram da promessa, e fracassaram na primeira prova de fé. A coluna de nuvem que os guiava parecia velar um terrível mistério. E Moisés — quem era ele? perguntavam; e qual poderia ser seu objetivo ao tirá-los do Egito? A suspeita e a desconfiança lhes encheram o coração, e ousadamente o acusaram de tencionar matá-los, a eles e seus filhos, pelas privações e dificuldades, a fim de que pudesse enriquecer-se com seus bens. No tumulto da raiva e indignação estavam prestes a apedrejá-lo. {PP 208.3}

Com angústia clamou Moisés ao Senhor: “Que farei a este povo?” Foi-lhe determinado tomar os anciãos de Israel e a vara com que operara prodígios no Egito, e ir perante o povo. E o Senhor lhe disse: “Eis que Eu estarei ali, diante de ti, sobre a rocha, em Horebe, e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas, e o povo beberá.” Ele obedeceu, e as águas irromperam como uma torrente viva que abundantemente supriu o acampamento. Em vez de mandar Moisés levantar a vara e invocar alguma praga terrível semelhante àquelas do Egito, sobre os chefes daquela ímpia murmuração, o Senhor em Sua grande misericórdia fez da vara Seu instrumento para operar o livramento do povo. {PP 208.4}

“Fendeu as penhas no deserto; e deu-lhes de beber como de grandes abismos. Fez sair fontes da rocha, e fez correr águas como rios”. Salmos 78:15, 16. Moisés feriu a rocha, mas era o Filho de Deus que, velado na coluna de nuvem, estava ao lado de Moisés e fazia correr a água doadora de vida. Não somente Moisés e os anciãos, mas toda a congregação que permanecia a distância, viram a glória do Senhor; fosse, porém, removida a nuvem, e teriam sido mortos pelo terrível fulgor dAquele que nela habitava. {PP 209.1}

Em sua sede o povo tentara a Deus, dizendo: “Está o Senhor no meio de nós, ou não?” “Se Deus nos trouxe aqui, por que não nos dá água assim como nos deu pão?” A incredulidade assim manifesta era criminosa, e Moisés receou que os juízos de Deus repousassem sobre eles. E ele chamou aquele lugar pelo nome de Massá, “tentação”, e Meribá, “contenda”, em lembrança de seu pecado. {PP 209.2}

Um novo perigo os ameaçava agora. Por causa de sua murmuração contra Ele, o Senhor permitiu que fossem atacados pelos inimigos. Os amalequitas, tribo feroz e guerreira que habitava aquela região, saíram contra eles, e feriram aqueles que, desfalecidos e cansados, tinham ficado na retaguarda. Moisés, sabendo que a totalidade do povo não estava preparada para a batalha, ordenou a Josué que escolhesse das diferentes tribos um corpo de soldados, e os guiasse na manhã seguinte contra o inimigo, enquanto ele próprio estaria em um ponto eminente próximo, com a vara de Deus na mão. Em conformidade com isto, no dia seguinte Josué e seu grupo atacaram o inimigo, enquanto Moisés, Arão e Hur estavam estacionados em uma colina, acima do campo de batalha. Com os braços estendidos para o céu, e segurando a vara de Deus em sua destra, Moisés orava pelo êxito dos exércitos de Israel. Com o prosseguimento da batalha, observou-se que, enquanto suas mãos estavam estendidas para cima, Israel prevalecia; mas, quando se abaixavam, o inimigo era vitorioso. Cansando-se Moisés, Arão e Hur lhe ampararam as mãos até o pôr-do-sol, quando o inimigo foi posto em fuga. {PP 209.3}

Apoiando Arão e Hur as mãos de Moisés, mostravam ao povo o dever de ampará-lo em seu árduo trabalho, enquanto de Deus recebia a palavra para lhes falar. E o ato de Moisés também era significativo, mostrando que Deus tinha o seu destino em Suas mãos; enquanto nEle depositassem confiança, por eles combateria e lhes subjugaria os inimigos; mas, quando se deixassem de apegar a Ele, e confiassem em sua própria força, seriam mesmo mais fracos do que os que não tinham conhecimento de Deus, e os inimigos prevaleceriam contra eles. {PP 209.4}

Assim como os hebreus triunfavam quando Moisés estendia as mãos para o céu, e intercedia em favor deles, assim o Israel de Deus prevalece quando pela fé lança mão da força de seu poderoso Auxiliador. Todavia, a força divina deve ser combinada com o esforço humano. Moisés não acreditava que Deus vencesse os adversários deles enquanto Israel permanecesse inativo. Enquanto o grande líder pleiteava com o Senhor, Josué e os seus bravos seguidores faziam os maiores esforços para repelir os inimigos de Israel e de Deus. {PP 209.5}

Depois da derrota dos amalequitas, Deus determinou a Moisés: “Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos filhos de Josué; que Eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus”. **Êxodo 17:14**. Precisamente antes de sua morte, o grande líder confiou a seu povo esta solene incumbência: “Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saíeis do Egito; como te saiu ao encontro no caminho, e te derrubou na retaguarda todos os fracos que iam após ti, estando tu cansado e afadigado; e não temeu a Deus [...] Apagarás a memória de Amaleque de debaixo dos céus; não te esqueças”. **Deuteronômio 25:17-19**. Com referência a este povo ímpio, o Senhor declarou: “A mão de Amaleque está contra o trono de Jeová”. **Êxodo 17:16**. {PP 210.1}

Os amalequitas não desconheciam o caráter de Deus, nem Sua soberania; mas, em vez de O temerem, puseram-se a desafiar o Seu poder. Os prodígios operados por Moisés diante dos egípcios, foram assunto de zombaria para o povo de Amaleque, e os temores das nações circunvizinhas eram ridicularizados. Fizeram juramento pelos seus deuses de que destruiriam os hebreus, de modo que nem um escapasse, e vangloriavam-se de que o Deus de Israel seria impotente para lhes resistir. Não haviam sido ofendidos

ou ameaçados pelos israelitas. Seu assalto não foi motivado por qualquer provocação. Foi para manifestar seu ódio e desconfiança para com Deus que procuraram destruir Seu povo. Os amalequitas havia muito que eram grandes pecadores, e seus crimes clamavam vingança a Deus; contudo, a misericórdia divina ainda os chamava ao arrependimento; quando, porém, os homens de Amaleque caíram sobre as cansadas e indefesas fileiras de Israel, selaram a sorte de sua nação. Os cuidados de Deus estão sobre os mais fracos de Seus filhos. Ato algum de crueldade ou opressão para com eles, deixa de ser notado pelo Céu. Sobre todos aqueles que O amam e temem, Sua mão se estende como uma proteção; cuidem os homens que não firam aquela mão, pois que ela maneja a espada da justiça. {PP 210.2}